

Funchal - sur - mér, julho, 94

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo 402

01.289

Amigo Luizinho Feixas,

esta é a minha segunda estadia
nesta ilha e, como de ~~boa~~^{primeira} vez, não
encontrei um vestígio, peça que seja de
máquina única do Herberto Helder.
Talvez as lagartixas, no olhar alfinetado
encontrems a Cobras. Curiosamente,
estes pequenos dinossauros, como a voz
costada no limite de fals dos madeirenses,
e porge lhe sereno, evocam-me os dese-
nhos do amigo Luizinho Feixas. Não a
paisagem, esta paisagem visível, mas a
paisagem à qual alcançamos a veje-
tude, o tafede floridos, a fele aos es-
trangeiros. Não se trataria de uma defi-
nição mas a revelação da matéria
antes de inveterar as mãos.

Não o a boneco com este sorriso em
trânsito. Ouero me vez mais apadeci-
-lhe a diformidade de se mostrou

em "apadrinhava" as minhas Histórias
Vagas que ainda valorizadas sem além
do merecido. Espero que o Vítor tenha
conseguido contactá-lo, pois muito gos-
taria que este meu livro fosse também
motivo suficiente para o reencontro de
duas pessoas que sinto muito.

Como lhe disse, no fim de Julho
irei para o Porto Santo. Se o amigo qui-
zer enviar a fotocópia do trabalho
a morada é a seguinte:

Nunes da Rocha

Casa das Águas

Porto Santo

Repensarei a Lisboa, isto é, a Queluz
em 15 de Agosto.

Não o aboneço mais. Receba

um abraço

do

Nunes da Rocha

Queluz, Out./94

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo <i>IQ</i>	01.289.01



Amigo Cruzeiro Seixas,

terá você tido já os piores sentimentos sobre mim, e com razão: ingrato servido sem o demonstrar, um telefonema sequer. Mas deixe que justifique em parte os seus sentimentos.

É você uma pessoa todo o seu dia e entendi importuná-lo só quando houvesse razão decente para isso: o livro por exemplo. Ora este talvez lá para o final do mês conheça a luz, segundo o Vítor. Assim resolvi não estender o meu silêncio deselegante e o que é mais, agradecer a simpática carta regressada do Porto Santo e você me entregou. Gostei muito da sua "chávena roída" pelo Areal. Podia bem ser a mais completa significação de um contrato social: a mão ao contrário da boca donde a verdade nasce verminia sob o açúcar depositado. Diz Frei Amador Arrais nos seus Diálogos que estou a ler que "Sêneca alegava com Fédon, dizendo que havia uns animais pequenos que não eram sentidos quando mordiam."

Não lhe disse da última visita (com o Vítor) da fantástica dispersão dos sentidos, experimentada em sua casa. É um mundo; três, quatro divisões? em que se subdivide a história recente da poesia e pintura portuguesas. Os olhos andaram-me de um a outro lado em vertigem que me envergonhou um pouco. Recordou-me também a casa do Ruy Cinatti com as suas divisões representativas das quatro partidas do mundo.

Agradeço ainda, a si e ao Eduardo Salavisa o convite para o jantar no dia 1 de Setembro. Expliquei ao Eduardo que não podia: o aniversário da minha companheira. Espero contem comigo para a próxima vez. Gostaria muito (íssimo).

Devo dizer que ainda não vi a Exposição na S.Mamede. Este ano lectivo fui colocado em Venda do Pinheiro, povoação anexa à Malveira. É longe o suficiente para me bloquear o tempo restante das aulas em transportes com hora marcada. De todo o modo houve um dia, logo depois de 14 de Setembro consegui um dia extra, uma folga. Lá fui à Galeria eram 13, 14 horas, ocupei o tempo até ao horário previsto para a abertura da tarde. Decididamente acharam que os horários são uma alegoria o que em arte é ainda mais uma figura de estilo. Não me sobrava muito tempo. Desisti não sem antes do voyeurismo pelas vidraças. Estremeci de emoção o que pude e era possível a alguém com a memória num aquário. Tudo o mais era silêncio lá dentro e ferragens dos eléctricos cá fora. No entanto talvez até 19 me seja possível ainda. Muito queria.

Não o aborrego mais. Você estará provavelmente a escutar um concerto para violino do Bach, ou a traçar a perna ante esta vulgaridade de neófito. E isso é só possível aos Grandes Feiticeiros. Por mim vou "curtir" uma febre com origem numa amigdalite que todos os anos, por este mês me ataca. Mal consigo engolir.

Receba um abraço e admiração do

Manoel G. L.

P.S. Sabe que fiquei a pensar naquela sua pergunta de despedida "porque é que você não pinta?" E ri-me. Sou completamente falho de talento. Todavia pendurei a sua "Chávena" na parede.

é você uma pessoa tão o seu dia a dia é importante só quando houver uma razão decente para isso. livro por exemplo. Ora este livro é para o final do mês, conheço a sua, segundo o Victor. Assim resolvi não escrever o meu silêncio desolado e o que é mais, agradecer a simpatia carta regressada de Porto Santo e você me entregou. Gostei muito da sua "Chávena Verde" pelo Abel. Podia ter sido a mais completa significação de um contrato social: a mão ao contrário da boca donde a verdade nasce verdadeiramente sob o apagar depositado. O Sr. Amador Aires nos seus diálogos que estão a ler que "Sêneca alegava com Pláton, dizendo que havia uns animais pequenos que não eram sentidos quando morriam."

Não lhe disse de última visita (com o Victor) de fantástica dispersão dos sentidos, experimentada em sua casa. é um mundo; três, quatro divórcios em que se subdivide a história recente da poesia e pintura portuguesas. Os olhos andaram de um a outro lado em verificação que me envergonhou um pouco. Recordou-me também a casa do Ray (Lisboa) com as suas divindades representativas das quatro partes do mundo. Eduardo ainda, a ver o seu Eduardo Salazar o convite para o jantar no dia 1 de Setembro. Explicar ao Eduardo que não podia o aniversário da minha companhia. Espero contem comigo para a próxima vez. Gostaria muito (Lisboa).

Devo dizer que ainda não vi a exposição na 2.ª Marinha. Este ano lectivo foi colocado em Venda do Pinheiro, povoação anexa a Malveira, é longe e suficiente para me deslocar o tempo restante das aulas em transportes com hora marcada. De todo o modo houve um dia, logo depois de 14 de Setembro conseguiu um dia extra, uma folga. Lá fui à Galeria eram 13, 14 horas, ocupei o tempo até ao horário previsto para a abertura da tarde. Obviamente acharam que os horários não uma alegoria o que eu sei e ainda mais uma figura de estilo. Não me sublevei muito tempo. Deixei não sem antes do voyeurismo pelas vitrines. Estranhei de emoção o que pude e era possível a alguma com a memória num aquário. Tudo o mais era silêncio lá dentro e terrapens dos eléctricos caíram. No entanto talvez até lá me seja possível ainda. Muito querida.

Não o adoroço mais. Você está a crescer, lentamente a escutar um concerto para violão do Bach ou a fragar a perna ante uma vibração de neblina. E isso é só possível aos Grandes Pintores. Por que vou "Cavali" uma letra que origina uma simplicidade que todos os anos, por este mês, se ataca. Mas consigo engolir.

Dr. Nunes da Rocha
Av. Gen. Humberto Delgado, 13-1º
2745-QUECUE

Telefone 4397456

Vitor Silva Tavares
3978738



Para o Ex.mo Sr.
Cunzeiro Feixas
Rua da Rosa, 15-2-3º
1200 Lisboa

01.289.02



Senda do Pimpeiro, Nov. 94

Renato Augusto Leixas

foi-me muito grato receber a sua última, simpática e analgésica, muito bomita como já me habituei. O desenho é magnífico, "narrativo" o suficiente para dele derivar uma boa história.

Pôs-se o amigo Leixas "causador" entre a crítica filiar do Cesariy e a minha LIBERDADE. Há nisso generosidade de que não contava quando você interpõe alguma de história comum à crítica amarga do Mário.

Mas vejamos. Acabei ontem (justamente quando recebi a sua carta) de reler a reedição de TITÂNIA. A primeira vez que apanhei o "flash" de tão magnífica obra foi-o há sete anos talvez, através de um exemplar emprestado, de Dom Quixote. O deslumbramento foi tal que a luz se sedimentou na minha memória e, sobre ela, devo dizer-lhe, construí parte daquilo que, com generosidade, chamo de minha poesia. Mas é uma memória que funciona por ecos dessa luz, em andaimes invisíveis mas fortes às paradas confusas do meu caminho.

A LIBERDADE NÃO É ATUA começou a ser escrito há dois anos. E se a memória de TITÂNIA me iluminou as noites do exercício, foi o eça (!) que atrás daqueles bigodes únicos me "induzia" à prosa. E porge o número três é perfeito, o Manuel de Lima do HAKAQUIAS

afundou a conferência. Assim muitos dias, sem um exemplar
visível do dito TITÂNIA, bastos anos.

Por esta altura da conversa lá-de o amigo concluir que
estou a ser pretencioso na invocação de tal cenáculo. Mas uma
coisa é a mesa-pé-de-galo e outra, muito diferente, é o resul-
tado de tal prática demingica. E depois quem é o Deus da
Rocha ante tais iluminárias? Tudo isto porque ao terminar a re-
leitura do livro do Hârio, ficou-se-me a traçada a ideia vis-
cosa de ele ter concluído que eu fizesse mão-baixa ao seu pa-
trimónio lírico. O Vítor adiantou que a causa maior es-
tava nas minhas memórias em contadas particularidades. O meu
amigo Anzeiro deixou adiantar outras. Na verdade ele
há osmoses, "paranóias" líricas (usando conceito marianos)
contacto evidentes, mas que se forem bem avaliados, concluir-
-se-á que o aprendiz aprendeu, com o mestre. Paciência, ficou
tudo menos brilhante. Tem razão você quando diz que "ele não
é indispensável e muito menos infalível". Concordo consigo
sobre a tal entrevista na Púlbica. Continua a ser todavia, para
mim, o grande poeta, um dos maiores.

Mas não o aborreci com esta conversa. Peço-lhe um favor,
caso tenha paciência e disponibilidade de um dia me escrever e
cui, requisitando a sua memória, me dizer algo sobre o An-
tónio Maria Lisboa. O homem, as suas particularidades, o que
consigo foi o poeta, hoje ainda ignorado. Tenho a edição de
textos organizados pelo Hârio na Assírio (com a história que se
sabe) e posso mais, pontualmente.

Agradeço-lhe a "metade" que me oferece do seu desenho.
Falarei com o Vítor, mas - parece-me que a lei de Salomão
aqui não se aplica.

Despeço-me com o peditório enviando-lhe abraços
amigos.

N. L. J. L.